



UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Departamento de Linguística e Literatura

Curso de Licenciatura em *Literatura Moçambicana*

O diálogo entre a Cultura Tradicional e a Cultura Moderna em *Rabha* e A

***Legítima Dor da Dona Sebastião*, de Lucílio Manjate**

Ensaio

Candidato: *Carina Moisés Cuco*

Supervisor: *Aurélio Cuna*

Maputo, 12 de Junho de 2024

O diálogo entre a Cultura Tradicional e a Cultura Moderna em *Rabha* e A

***Legítima Dor da Dona Sebastião*, de Lucílio Manjate**

Ensaio apresentado em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção

do grau de Licenciatura em Literatura Moçambicana no Departamento de

Linguística e Literatura da Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade

Eduardo Mondlane

Candidato: *Carina Moisés Cuco*

Supervisor: *Aurélio Cuna*

Maputo, 12 de Junho de 2024

DECLARAÇÃO

“Declaro que este ensaio nunca foi apresentado para a obtenção de qualquer grau ou num outro âmbito e que ele constitui o resultado do meu labor individual. Este ensaio é apresentado em cumprimento parcial dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura em *Literatura Moçambicana*, no Departamento de Linguística e Literatura, Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane”

Maputo, 12 de Junho de 2024

Carina Moisés Cuco

Agradecimentos

A caminhada para a realização do Curso de Licenciatura em Literatura Moçambicana foi bem longa e, para que pudesse alcançar a meta, foi preciso o apoio de certas pessoas. Desse modo, sem querer deixar de lados os que não serão mencionados, quero agradecer especialmente:

A Deus todo-poderoso, pelo dom da vida e por me ter guiado até a realização deste trabalho. Sem a Sua presença na minha vida, nada teria acontecido.

Aos meus pais, Moisés e Esperança, pelo amor incondicional, educação, dedicação e por terem despertado em mim, desde criança, o espírito de enfrentar cada batalha sem medo de perder. Vocês ensinaram-se que a vida é feita de momentos que nos levam a vitória, sem a vossa existência, eu não estaria presente neste mundo.

Às minhas amigas e irmãs, Marta Moisés Cuco, Linda Moisés Cuco, Yunisse Moisés Cuco e Albertina Gentimane, por terem proporcionado um ambiente de amor e pelos momentos felizes e difíceis que passamos juntas.

Ao meu supervisor, Professor Aurélio Cuna, por me ter me orientado neste trabalho. Agradeço imenso pela paciência, zelo e atenção dada durante a elaboração deste ensaio. Endereço ainda a minha profunda gratidão pelo seu incansável apoio e pelas ricas sugestões transmitidas ao longo desta caminhada.

Às minhas amigas e colegas, companheira de caminhada, Marcela Rafael, Esperança Muguambe, Ivandra Matola e Mércia Muianga, pelas discussões ricas e pelo conhecimento partilhado. Do mesmo modo, agradeço também aos que directa ou indirectamente influenciaram positivamente no meu percurso académico.

Índice

1. Introdução	1
2. Desenvolvimento	4
2.1. Diálogo.....	4
2.2. O diálogo entre a tradição e a cultura moderna na literatura	6
2.3. O diálogo entre a cultura tradicional e a cultura moderna através da língua	8
2.4. O diálogo entre a ideologia tradicional e a ideologia moderna.....	9
2.5. O diálogo entre os costumes tradicionais e os costumes modernos.....	10
3. Conclusões e Recomendações	12
4. Referências bibliográficas.....	13

1. Introdução

A pesquisa que pretendemos desenvolver tem como tema: **O diálogo entre a Cultura Tradicional e a Cultura Moderna em *Rabhia* e *A Legítima Dor da Dona Sebastião*, de Lucílio Manjate**. A mesma surge no âmbito da culminação de estudo do curso de Licenciatura em Literatura Moçambicana. Interessa-nos Analisar e verificar como *Rabhia e Legítima Dor da Dona Sebastião*, representam a cultura tradicional e a cultura moderna moçambicanas.

Rabhia é um romance que conta a história de uma jovem prostituta com o mesmo nome, ela fugiu da guerra que ocorria na sua terra natal para Maputo. Chegado à Maputo, Rabhia começou a prostituir-se e tornou-se a prostituta mais amada pelos homens e odiada pelas mulheres prostitutas. Tempos depois, foi assassinada no bairro Luís Cabral. Para desvendar esse caso de homicídio, entraram em cena o estagiário Bernardo Sozinho e o agente Sthoe. Este último personagem investigava já sabendo de todos os contornos do crime cometido, embora não o tivesse desvendado ao seu estagiário.

A Legítima Dor da Dona Sebastião conta a história da Dona Sebastião, uma proprietária duma barraca no mercado Museu, na Cidade de Maputo. Dona Sebastião cultivava o hábito de se reunir, no seu estabelecimento, todas as sextas-feiras, com os seus antigos alunos da escola primária, para conversas animadas. Depois de revelar segredos da infância de cada um dos presentes, autêntico pesadelo para todos eles, na manhã seguinte, as Barracas do Museu ecoaram o som da morte da Dona Sebastião. Entretanto, para resolver o caso, o Inspector Sithoe, detective local, investigava cada suspeito, e o caso ganhou dimensões.

Durante a leitura, notamos que nas obras em estudo, existe um diálogo entre a cultura tradicional e a cultura moderna, daí que surge o seguinte problema de pesquisa: que categorias ilustram o diálogo entre a cultura tradicional e a cultura tradicional em *Rabha e Legítima Dor da Dona Sebastião* de Lucílio Manjate?

O que motivou-nos a escolha do tema foi pelo facto de que as obras *Rhabia e Legítima Dor da Dona Sebastião*, de Lucílio Manjate serem marcadas por eventos que caracterizam a cultura tradicional moçambicana (a prática de costumes exorcistas ou o uso das línguas autóctones), assim como pela presença de preticas que carcterizam a cultura moderna (a conducao de ensino atraves das linguas europeias- Português.). Ou seja, o diálogo entre a cultura tradicional e a cultura moderna parece ser realizado através da língua, da ideologia e dos costumes.

Esperamos que este ensaio contribua significativamente para os Estudos Literários. Por um lado, acredita-se que irá aclarar os mecanismos do processo de diálogo entre o tradicional e o moderno na literatura, uma vez que este encontro entre o tradicional e o moderno é uma característica da sociedade contemporânea que se estende à Literatura. Por outro, esperamos que o estudo traga uma análise sociocultural de Moçambique, buscando estabelecer o elo entre as práticas tradicionais e as consideradas modernas. Igualmente, o ensaio servirá de fonte bibliográfica para futuros estudos relacionados com este tema e respectivo problema.

Entretanto, para a questão apresentada, temos como argumentos: em *Rabha e A Legítima Dor da Dona Sebastião*, de Lucílio Manjate, existe um diálogo entre a cultura tradicional e a cultura moderna, ilustrado através de três categorias: a língua, a ideologia e os costumes.

O ensaio está organizado em três (iii) partes principais: (i) introdução, (ii) desenvolvimento e (iii) conclusões e recomendações e (iv) referências Bibliográficas. A primeira parte é composta pela apresentação do tema e problema, justificação (motivação e contribuição) do estudo e os argumentos do presente estudo. No desenvolvimento, realiza-se a análise desenvolvida do problema, como forma de respondermos a pergunta de partida. Por fim, nas conclusões e recomendações, sintetizam-se as principais ideias que surgirão ao longo do desenvolvimento do estudo e apresentam-se recomendações para futuras pesquisas.

2. Desenvolvimento

Nesta parte do trabalho, definimos os conceitos relacionados com o nosso estudo, nomeadamente: diálogo, cultura tradicional, cultura moderna e diálogo. Apresentamos alguns estudos feitos sobre o diálogo entre a tradição e a modernidade e analisamos o diálogo entre a tradição e a cultura moderna em *Rabha* e *A Legítima Dor da Dona Sebastião*, Lucílio Manjate.

2.1. Diálogo

Segundo Bakhtin (1981), o diálogo possui sentido relativo, na medida em que ocorre apenas como resultado da relação entre dois corpos, ocupando um espaço simultâneo, mas diferente. Sendo que os corpos aqui podem ser entendidos como os corpos físicos, políticos e corpos de ideias em geral (ideologias). Este autor enfatiza que um diálogo, transpondo para o caso da literatura, verifica-se em diferentes níveis de relações dialógicas entre o autor e o leitor ou, no plano intratextual. E, tratando-se de uma narrativa, entre o narrador, o narratário e as personagens (e respectivos pontos de vista). Do mesmo modo, verifica-se ainda entre a série literária e a série linguística, entre a obra concreta e o sistema literário precedente e contemporâneo, entre a obra e o contexto social saturado de discursos e linguagens concretas de várias espécies, ter designado por plurilinguismo.

2.1.2 Cultura tradicional

Cândido (2005) define cultura tradicional como aquela que reflecte a formação social e histórica de um povo. Para este autor, as obras literárias exemplificam como a literatura pode captar e preservar a cultura e os valores tradicionais de uma sociedade em momentos específicos da sua história.

2.1.3 Cultura Moderna

A cultura moderna refere-se ao conjunto de mudanças significativas que ocorreram no campo literário desde o final do século XIX. O período inicial da cultura moderna literária foi marcado pela transição do romantismo para o realismo. Autores como Charles Baudelaire na poesia e Gustave Flaubert na prosa iniciaram uma crítica às convenções literárias e sociais da época, explorando temas como a alienação urbana e os conflitos morais.

2.1.4. ideologia

O conceito de ideologia proposto por Gramsci (1966) revela que a ideologia seria o campo ideativo e axiológico da sociedade e, ao mesmo tempo, estaria fundamentada nas posições de classe. Afora que, sendo expressão das relações de classe, a ideologia seria percebida como relação de poder, ou seja, seria um dos aspectos da dominação de classe. No universo da literatura, entende-se que a *ideologia*, nesse sentido, seria um instrumento privilegiado para a classe dominante assegurar a coesão social e, também, uma forma de as classes subalternas tomarem consciência de sua existência colectiva e da própria realidade de sua subordinação.

Esta noção de ideologia dá conta das atitudes do personagem Dona Sebastião que, sendo professora, portanto exercendo uma posição de poder, contribuiu para a subversão dos valores educacionais dos seus alunos, conforme se pode ver na análise que se segue.

2.2. O diálogo entre a tradição e a cultura moderna na literatura

O diálogo entre a cultura tradicional e a cultura moderna são encontrados em outras obras para além das do escritor aqui em estudo.

Macedo (s.d) em sua obra *Camões e outros contemporâneos* afirma que há duas atitudes aparentemente opostas, mas finalmente equivalentes, à modernidade. Uma delas afirma-se como uma ruptura com a tradição, e pode ser exemplificada nos diversos modernismos do início do século passado. A outra resulta do que poderia ser caracterizado como uma modernidade disfarçada de tradição. Esta atitude ou, talvez mais propriamente, estratégia é supremamente representada, no contexto da cultura portuguesa, por Luís de Camões. Enquanto que o propósito modernista pode ser sintetizado no ditame “é preciso ser absolutamente novo”, para um falso tradicionalista como Camões a correspondente estratégia literária teria sido querer parecer absolutamente antigo.

Hall (1992), em *Identidade Cultural e Pós-modernidade*, inicia com a ideia de que as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estavam em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A “crise de identidade” foi vista, nesse contexto, como parte de um processo que estava deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. Este autor procurou, no seu texto, explorar algumas questões sobre a identidade cultural na modernidade tardia e avaliar se existia

uma “crise de identidade”, em que essa crise consistia e direcção ela estava tomando.

Nesta linha de ideias, verifica-se que estas transformações estão também a mudar as nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si”, estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo (Hall, 1992). Citando Mead e Cooley, Hall (1992) afirma que a identidade é formada na interacção entre o “eu” e a sociedade. O facto de que projectamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjectivos com os lugares objectivos que ocupamos no mundo cultural e social.

2.3. O diálogo entre a cultura tradicional e a cultura moderna através da língua

A língua foi uma das primeiras evidências do diálogo entre a cultura tradicional e a cultura moderna em *A Legítima Dor da Dona Sebastião*. Conforme referiu-se, segundo Bauman (2012), no mundo da modernidade e da globalização, a língua é também um instrumento de modernização. E as línguas multinacionais do poder são as línguas da colonização europeia, que inclui a língua portuguesa. Na obra, Dona Sebastião, sentada junto dos quatro jovens, relata o evento ocorrido no passado, com um dos jovens ali sentados que foi seu aluno, na 3 de Fevereiro:

“O Manguana havia pronunciado mundos indizíveis na sua sala...
“E o que foi que ele disse”, pergunta José Malfácio
“Ni ta kuba, respondeu-me o jovem estagiária.”(Manjate, 2013, p. 10).

Manguana expressou-se em uma língua que representa o tradicional, o local, o autóctone, conforme relatou Dona Sebastião: “*Isso não é nenhum dialecto (...) é xirhonga, língua local (...)*” (Manjate, 2013, p. 10). Contudo, esta língua era proibida no contexto escolar, devendo, os alunos, expressarem-se em língua portuguesa, língua que chega com os adventos da modernidade.

A acção de Manguana culmina com a repreensão de Dona Sebastião ao rapaz e aos encarregados, proibindo que o menino esteja em ambientes em que se fale língua local. No entanto, mais tarde, Dona Sebastião lamenta-se da sua atitude tomada no passado:

“É por causa dessa confusão criada entre o real e o imaginário que não podíamos falar nas nossas línguas. E essa confusão dói-me. Os pais falavam na ausência dos filhos e nunca perceberam o que isso significava. E afinal não era apenas a ausência dos filhos, não era apenas a ausência da língua, mas também a sua própria ausência, ausência do nosso espaço, do nosso tempo, da nossa acção.” (Manjate, 2013, p. 13)

O excerto acima mostra que Dona Sebastião confessa ter contribuído para que os seus alunos se distanciassem do universo tradicional e abraçassem a modernidade, tanto ao nível da língua, assim como ao nível ideológico. Esta atitude atesta para o facto de que, no contexto escolar, não era possível uma convivência harmoniosa entre a língua local e a língua portuguesa. A presença da língua portuguesa, obrigatória no sistema de ensino e defendida por Dona Sebastião, obrigava ao apagamento das línguas locais. Este fundamento salienta a ideia de Trigo (1983), considerando que a literatura africana já foi caracterizada pela presença de um modernismo português e um apagamento da tradição.

2.4. O diálogo entre a ideologia tradicional e a ideologia moderna

Atrelada à língua, está o diálogo entre as ideologias. A obra mostra que, a dada altura, Dona Sebastião confessa que os quatro rapazes, Manguana, Malfácio, Malíngua e Amade, sofreram subversão dos valores político-ideológicos através da educação, abandonando a tradição a favor da modernidade.

“A ausência desse mundo considerado ilusório, supersticioso e pagão e nós, professores, tínhamos a missão de impedir na palmatória a passagem para essa realidade (...) A educação assumiu, de forma contundente, o seu papel político

“Sim, havia essa espécie de contrato...”

“Social”, remata Rafael Malíngua.

“Não. Político-ideológico”.” (Manjate, 2013, p. 13).

Como observou-se, de acordo com Dona Sebastião, o mundo tradicional era considerado ilusório e pagão, daí que ela educou a nova geração através do mundo da modernidade, dotado de valores europeus. De acordo com Macedo (s/d), uma das atitudes aparentemente oposta à modernidade é a que se afirma como uma ruptura com a tradição. Esta atitude parece ser a que se verifica neste diálogo ideológico

entre a tradição e a modernidade, em *A Legítima Dor da Dona Sebastião*, ilustrada de forma mais directa na seguinte declaração de Dona Sebastião:

“A vossa geração é bastarda. Porque nós negamo-nos, vos renegamos e vos ensinamos a negarem-se e a rejeitarem-nos. Este foi o flagrante no caso de Manguana.” (Manjate, 2013, p. 14)

Portanto, o trecho acima ilustra que entre a tradição e a modernidade, ao nível ideológico, deu-se uma tentativa de ruptura, os rapazes abandonaram totalmente a tradição. Esta constatação reforça o argumento segundo o qual, na obra em análise, o diálogo entre a cultura tradicional e a cultura moderna é conflituoso e de mútua exclusão.

2.5. O diálogo entre os costumes tradicionais e os costumes modernos

Os costumes são todas as acções, práticas e actividades que fazem parte da tradição de uma comunidade ou sociedade e que estão profundamente relacionadas com a sua identidade e sua história (Canelo, 2019). Em *Rhabia*, uma das evidências do diálogo entre a tradição e a modernidade está ligada aos costumes.

Quando o agente Sthoe e o seu estagiário chegam ao local de crime, onde encontra-se o corpo de Rhabia, na estrada, diante um público curioso, são impedidos de prosseguirem com os trabalhos de perícia, uma vez que antes devia ser feito um acto tradicional:

“Ao chegarem à Rua da Candonga, um ritual exorcista impediu os agentes de isolarem e lerem o local do crime. O ritual era presidido por um velho de nome Muzivhi, o mesmo que sábio, em Ndau.” (Manjate, 2019, p. 28).

Como pode-se observar, o excerto acima atesta a presença de uma figura da tradição, o velho Muzivhi, que aparece para dirigir uma cerimónia

tradicional. Do mesmo modo, o excerto abaixo fundamenta os infortúnios que podem ocorrer na ausência da prática daquela cerimónia tradicional.

“O ancião evocara os antepassados da jovem para que dissessem a razão daquele infortúnio, pois, segundo o vulgo, não convém que um homem ou mulher pereça no caminho, sob o risco de darem-se desgraças de proporções fantasmagóricas na boca do povo (...) ou ainda de pontes que desabam no dia seguinte à inauguração por um incauto governador, que no lugar do tradicional fermentado aspergiu sobre a árvore dos defuntos o álcool de sabor importado.” (Manjate, 2013, p. 28).

Os excertos acima evidenciaram os dois momentos que marcam o diálogo entre a tradição e a modernidade. Por um lado, o tratamento que os agentes pretendiam dar ao corpo da vítima, sem as cerimónias tradicionais e ignorando a tradição. Por outro lado, a referência do ancião sobre os administradores que praticam cerimónias fazendo uso de objectos da modernidade, álcool de sabor importado, ao invés de aspergir sobre a árvore a bebida da tradição. Este último facto atesta a ideia defendida por Macedo (s/d), segundo a qual não há modernidade sem tradição. Mesmo quando a modernidade se manifesta em termos de ruptura com a tradição, a própria ruptura reafirma a tradição para dela se poder diferenciar.

Nota-se naquele facto que o administrador continua com a prática da tradição, inaugurando empreendimentos através do lançar de bebidas sobre as árvores sagradas. No entanto, ele não se serve da bebida tradicional, mas da moderna, daí as consequências do desabamento da obra, conforme contou o ancião. Esta constatação reforça ainda o argumento que defende que, nas duas obras em análise, o diálogo entre a cultura tradicional e a cultura moderna é conflituoso.

3. Conclusões e Recomendações

O presente ensaio tem como tema **O diálogo entre a Cultura Tradicional e a Cultura Moderna em *Rabhia* e *A Legítima Dor da Dona Sebastião*, de Lucílio Manjate**. Este procurou responder a seguinte pergunta de partida: que categorias ilustram o diálogo entre a cultura tradicional e a cultura moderna em *Rabhia* e *Legítima Dor da Dona Sebastião*.

Analisando os aspectos da tradição e da modernidade, em *Rabhia* e *A Legítima Dor da Dona Sebastião*, de Lucílio Manjate, concluiu-se que, nas duas obras, o diálogo entre a cultura tradicional e a cultura moderna é ilustrado através de três categorias: a língua, a ideologia e os costumes. Entretanto, esse diálogo é caracterizado pela presença de uma relação conflituosa entre a cultura tradicional e a cultura moderna.

Do mesmo modo, foi também possível concluir que a cultura tradicional moçambicana é geralmente marcada pela presença de um universo conservador na língua, nos costumes e na ideologia, distanciando-se de qualquer ligação com a cultura estrangeira. Por seu turno, a cultura moçambicana moderna é caracterizada pelo diálogo entre a tradição e a modernidade, em que se regista um entrosamento entre o local e o global. Entretanto, conforme verificou-se, nas duas obras em análise, o diálogo entre o tradicional e o moderno é tenso, na medida em que a presença da cultura moderna visa o apagamento da cultura tradicional, e vice-versa.

Por fim, pelo facto do tema estudado não ter esgotado o problema em questão nestas duas obras, recomenda-se que o mesmo exercício seja feito em outras obras deste autor, assim como de outros escritores moçambicanos.

4. Referências bibliográficas

BAUMAN, Z. (2012). *Ensaio sobre conceito de cultura*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar.

MANJATE, L. (2013). *A Legítima Dor da Dona Sebastião*. Maputo: Alcance Editores.

MANJATE, L. (2019). *Rhabia*. Maputo: Kapulana.

BAKHTINE, M. VOLOCHINOV, Valentin. (2002). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. (10.^a ed.) São Paulo.

GRAMSCI, A. (1966). *Cultura, Ideologia e Hegemonia*. Civilização brasileira. Rio de Janeiro.

CANDIDO, A. (2005). *Noções de Análise Histórico Literário*. Associação editorial Humanitas. São Paulo

MACEDO, H. (2017). *Camões e Outros Contemporâneos*. Portugal: Editora Presença.

TRIGO, S. (1986). *Ensaio de Literatura Comparada: Afro-luso-brasileira*. Lisboa: Ed. Vega